

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Revista Coos

Class.: 592

Data nr 6 / 1989

Pg.: 15

## OPINIÃO

AILTON KRENAK

Vocês estão criando uma coisa muito perigosa, vocês estão criando a natureza como refém do homem

O QUE A ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA QUER DIZER PRA CIDADE, PRO BRASIL URBANO, PRO MUNDO, PRA GENTE QUE É DAS CIDADES, É QUE NA FLORESTA TÊM GENTE. Parece uma coisa óbvia, mas dizer que na floresta têm gente é uma novidade pro tipo de cultura e de sociedade que vai se configurando cada vez mais pro planeta. Os grandes centros onde estão aglomeradas as populações do mundo estão banindo cada vez mais

do seu espírito, da sua consciência, a idéia da floresta. E muito mais estranho pra essa gente é admitir que nas florestas têm gente. Os ecologistas e ambientalistas estão doidinhos pra proteger a natureza, mas eles estão querendo proteger a natureza sem o homem. Proteger esses lugares deles mesmos. Nós estamos dizendo que tem um povo que tem a sua origem na floresta, a sua gênese é a floresta e a sua afirmação como civilização não suprime a floresta, contempla a floresta. A floresta tem um sentido que vai além por exemplo, do que a cidade é para um urbano. Um urbano que está aqui em São Paulo pode viver em Tókyo ou Nova Iorque, ele migra. Um filho da floresta não migra, ele é nômade pra viver na floresta, mudando só de acordo com o ciclo da natureza. Com o verão e com o inverno, com o ciclo das chuvas e da seca. Ele alterna a ocupação do habitat dele de acordo com o sinal que a natureza dá, mas nunca durante milhares de anos, se retiraram daquele espaço. A floresta está sendo preservada no máximo como combustível de vida. Você quer

preservar a floresta porque ela pode te dar oxigênio. Vocês estão criando uma coisa muito perigosa, vocês estão criando a natureza como refém do homem. Vocês finalmente submeteram a natureza como um todo, ou ela dá o que vocês querem ou vocês mandam a orelha dela pelo correio para o criador dizendo "olha... nós já cortamos a orelha dela...".

Todo o conhecimento do nosso povo, está fundado numa relação permanente com os lugares em que estamos estabelecidos. Esses lugares, é um jeito de me referir aos territórios indígenas de uma maneira que não situa isso só fisicamente, mas culturalmente. Situa isso do ponto de vista mágico. Porque quando alguém que vive num vale vê um rio ou uma montanha, ele não vê o rio e a montanha como um geólogo ou um biólogo vê. Aquela montanha tem nome, idade, humor. Ela tem filhos, ela namora. Tem a montanha que é avó, tem a montanha que é neta, tem a montanha filha. E ela tem parentesco com aquela gente que vive naquele lugar. Quando eu olho um lago, ele é a casa de um herói criador, de alguém que fundou o mundo junto, que esteve na fundação do mundo. Então, aquele parente que fundou o mundo, ele é um lago. Ele tá um lago hoje. Quando nós saímos para a floresta, a gente encontra nas árvores aquelas que são a sua avó antiga, aquela que te dá o canto. O menino precisa ir sozinho pro mato para receber o canto. Quem vai dar esse canto para ele é a floresta. Ele vai descobrir as afinidades dele e os parentes dele na floresta. O sangue da floresta, que é a seiva, corre até chegar nas folhas, e junto com o vento vai estabelecer uma conversa. Ele vai ouvir o canto e decorar. Depois ele canta pra aldeia e se os sábios aprovarem, aquele canto é incorporado ao que você poderia chamar de acervo musical daquela gente. Você pode chegar

lá dez mil anos depois, ou cinco dias depois ou dez anos depois e vai encontrar os parentes cantando aquele canto. Nossos cantos não são de autoria de indivíduos; o canto do Kuarup, os cantos do Mapimaim, os cantos da cerimônia de cura, ou os de guerra, foram todos recebidos pela floresta. Eles foram recebidos dos animais, da água, do vento. O autor e compositor é a natureza. O homem precisa observar que ele vive num planeta maravilhoso e que pode organizar a vida dele nesse planeta sem ficar se acumulando em focos de miséria e de violência e desilusão na cidade. A gente não pode perder a capacidade de salvação, nem que seja no último segundo, a gente não pode perder a capacidade de agarrar um balão e sair flutuando. A

minha preocupação, é que a gente que vai ficando enfiado na cidade, num momento perde a certeza que pode agarrar um balão e sair voando. Você acha que seria possível organizar milhares de trabalhadores, que todo dia levanta e vai trabalhar, volta, dorme, levanta, trabalha, dorme, trabalha... se fosse na floresta? A floresta conspira o tempo inteiro com o humano, pelo prazer. Quando eu assisti aquele filme Blade Runner, eu olhei bem e pensei:

puxa, se os humanos que tão favorecendo esse tipo de civilização são capazes de fazer um filme desses e prever o desastre dessa maneira, porque é que eles continuam? Se tem uma coisa comum entre o povo da cidade e o povo da floresta, é que todos nós podemos prever o desastre. Porque é como uma nave... imagina uma nave algumas velocidades acima da velocidade da luz, cortando reto num corredor cósmico, e o piloto saca que não sei quantos milhões de anos luz na frente, ele tem um asteroide, vai se chocar contra um troço, um buraco negro. Tá há milhões de anos luz, mas ele joga nos computadores da nave dele e vê que a manobra tem que ser feita agora, porque a velocidade que a nave dele anda, suprime milhões de anos luz em segundos. Nós temos milhões de anos luz ainda pra frente, mas a velocidade que foi impressa na destruição da Terra é tanta que precisa virar depressa a nossa nave. Continuar tratando nosso planeta como se ele fosse um loteamento, um bairro esquartejado em lotes e quarteirões é a coisa mais mesquinha que pode existir. Ou você opera com a idéia de controlar os acontecimentos do mundo, ou você é o acontecimento do mundo ■



Ailton Krenak, presidente da União das Nações Indígenas